

O Ladrão

Conversões no Calvário—Parte 1

Lucas 23.33–43

Introdução

As últimas palavras de pessoas famosas têm ficado registradas no decorrer dos séculos e com frequência revelam a verdadeira natureza do indivíduo.

P.T. Barnum, dono de uma rede de circos, perguntou a um de seus sócios algo que acabou sendo suas últimas palavras: “Qual foi o lucro da apresentação em Nova Iorque?”¹

O famoso escritor e contista americano O. Henry copiou o refrão de uma música da época e o transformou em suas últimas palavras: “Acendam a luz. Não quero ir embora no escuro.”²

O ilusionista Houdini morreu de apendicite, não do famoso murro que levou no estômago. Pouco antes de sua morte, esse homem, famoso por conseguir escapar de basicamente qualquer coisa, afirmou: “Acho que dessa não conseguirei escapar.”³

Em seu leito de morte, perguntaram a Voltaire, o deísta francês e veemente adversário do Cristianismo, se ele mudaria de ideia e aceitaria a divindade de Jesus Cristo. Ele negou prontamente e exclamou: “Em nome de Deus, por favor, deixe-me morrer em paz.”⁴

Não existem, todavia, palavras mais trágicas e famosas do que as últimas palavras de Elizabete I, rainha da Inglaterra. Ela disse momentos antes da morte: “Daria todas as minhas posses em troca de mais um momento de vida.”⁵

Confissões no leito de morte têm se tornado revelações interessantes ao público. Eu li vários exemplos mais recentes. A famosa musicista judia Naomi Shemer admitiu em seu leito de morte alguns anos atrás que sua música sobre Jerusalém que fez mais sucesso era, na verdade, uma imitação de uma velha cantiga de ninar espanhola que ela havia plagiado.⁶

Chris Spurling confessou que sua famosa fotografia do Monstro do Lago Ness era uma montagem. Ele utilizou um submarino de brinquedo e nele fixou um pescoço comprido que havia moldado. Em seguida, levou o equipamento para o lago e tirou algumas fotos. Ele convenceu um amigo seu, médico, de que realmente tinha visto o monstro e o deixou revelar a foto de forma independente. Isso apenas aumentou a credibilidade e criou uma confusão na mídia. Poucos anos atrás, aos 94 anos de idade e sofrendo de câncer, ele confessou que tudo não passou de um grande embuste.⁷

Alguns anos atrás, uma confissão no leito de morte solucionou o caso de um homem que havia

sido assassinado. James Brewer tinha fugido do bairro, assumido uma nova identidade, se casado e se tornado ativo numa igreja, participando até de estudos bíblicos. Trinta anos depois, quando sofreu um derrame e depois de terem lhe dito que tinha pouco tempo de vida, ele chamou a polícia e confessou o crime que há tanto tempo atormentou sua consciência. O único problema com essa confissão de leito de morte foi que, ao invés de morrer, ele se recuperou e hoje cumpre pena numa penitenciária no estado do Tennessee. A moral desta história em particular é a seguinte: confissões de leito de morte dão certo só se você morrer!⁸

Pessoalmente, uma das mais trágicas confissões de leito de morte foi uma carta escrita pelo senador americano Ted Kennedy para o Papa. O próprio Presidente Barack Obama entregou a carta nas mãos do Papa quando visitou o Vaticano.

O senador Kennedy tinha a esperança de reparar seu relacionamento com a Igreja Católica enquanto morria de câncer aos 77 anos. Apesar de seu discurso a favor do aborto, ele escreveu na carta sobre a maneira como ajudou os pobres e guardou a fé. Ele pediu oração e reconheceu que era um ser humano imperfeito se preparando para a “passagem da vida”. Sem qualquer solução proveniente do evangelho ou esperança bíblica, o Papa respondeu por meio de seu assistente. O Pontífice agradeceu a Kennedy por sua carta, expressou preocupação com a sua doença e concluiu a carta breve com as seguintes palavras: “Recomendando você e os membros de sua família à intercessão amorosa da Bendita Virgem Maria.”⁹

Que trágico! Uma coisa é não ouvir o evangelho de Cristo Jesus enquanto ainda vivo; é outra coisa não ouvir quando se está prestes a morrer.

A confissão de leito de morte mais famosa, as últimas palavras mais conhecidas proferidas pelos lábios de um ser humano—na verdade, as palavras

repetidas com maior frequência faladas no leito de morte—se encontram nas Escrituras. Essas palavras vieram da boca de um companheiro de condenação. A resposta de Jesus às últimas palavras desse homem nos fornece uma biblioteca inteira de verdade sobre o evangelho, perdão e esperança.

Encontramos essa cena em Lucas 23. Nesta minissérie retratando conversões no Calvário, veremos a conversão de três homens improváveis.

A Crucificação no Calvário

Vamos montar o palco para esse encontro maravilhoso observando, inicialmente, Lucas 23.33:

Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, bem como aos malfetores, um à direita, outro à esquerda.

A palavra *Calvário* vem do latim *calvaria*. A palavra grega usada no texto é *kranion*, que significa “crânio”, e a palavra correspondente em aramaico é “Gólgota”. Todas as três palavras—“Calvário”, “crânio” e “Gólgota”—significam a mesma coisa: “caveira”, “caixa craniana”. As crucificações da região ocorriam no recostado de um monte que todos conheciam como “a caveira”.

O Novo Testamento não fornece explicação adicional para o uso desse título. Quem sabe, talvez o recostado do monte lembrava o formato de uma caveira, como é o caso do recostado de um morro próximo ao Portão de Damasco em Jerusalém. Por isso, muitos creem que Jesus foi crucificado ali. Por outro lado, é possível que o nome surgiu simplesmente como resultado dos aspectos terríveis envolvidos nesse tipo de execução.¹⁰

A cruz era um elemento fixo ali naquele monte. A viga vertical era permanente e ficava presa ao chão. Havia uma dúzia ou mais ali no lugar da Caveira.

O condenado não carregava sua cruz pelas ruas de pedra conforme retratado em filmes e imagens. A cruz inteira pesava 140 kg ou mais. Ao invés disso, o condenado carregava sobre os ombros a barra horizontal. Ele chegava ao Calvário com essa barra nas costas. Ela pesava em torno dos 45 kg.

Essa viga era esculpida no centro e encaixada na barra vertical fixada ao chão. Depois de as mãos do condenado terem sido pregadas à viga horizontal, os braços eram erguidos e a barra era baixada e encaixada sobre a viga vertical por meio de uma montagem de caixa e espiga.

A cruz era, na realidade, bem mais baixa do que a versão artística promulgada pela igreja Católica. Uma cruz não passava em média de mais de 1 metro e 80 centímetros. Dessa forma, os criminosos ficavam bastante próximos daqueles que vinham para zombar, golpear ou cuspir em seu rosto.

Os persas foram os criadores dessa forma de execução e a projetaram dessa maneira porque adoravam a Mãe Terra. Não querendo poluir sua deusa com a carne pútrida dos condenados, eles criaram esse sistema suspenso para execução. É dito que os romanos aperfeiçoaram terrivelmente o que os persas inventaram.

Uma coisa que os romanos adicionaram à barra vertical foi um bloco de madeira chamado *sedulum*. Esse assento era pregado na metade do poste vertical, de forma que o condenado se escorava nele. Isso prevenia os pregos de escaparem das mãos ou dos pés, arrancando carne no processo. Sobre o *sedulum*, o criminoso descansava seu peso no decorrer de toda a labuta.¹¹

Entretanto, essa peça prolongava o sofrimento, dando à vítima a chance de viver mais tempo. Os crucificados geralmente morriam por causa da perda de sangue decorrente dos açoites e espancamentos que sofriam. Tudo isso só era

agravado com a falta de água e comida. Conforme li, muitos criminosos chegaram a passar uma semana na cruz, até que morreram já enlouquecidos.¹²

Essa era uma maneira tão terrível de morrer que os gentios raramente mencionavam a palavra “cruz” no seu vocabulário. Não é surpresa, então, que o termo “excruciante”, que se refere a um sofrimento ou dor insuportável, vem do latim e significa “da cruz”.¹³

Josefo, o historiador judeu do século primeiro, nos informa de que, no ano da morte do Senhor, mais de mil pessoas foram crucificadas por Roma. Com frequência, antes de a pessoa morrer, o governo precisava da cruz para outro criminoso na fila. Se os soldados quisessem acelerar a morte do indivíduo, eles quebrariam suas pernas e o empurrariam de cima do assento, de forma que não conseguiria mais se erguer para respirar. Dentro de alguns minutos, ele morreria asfixiado.

Isso é exatamente o que acontece com os dois ladrões crucificados ao lado de Jesus. Contudo, os profetas predisseram que nem sequer um osso do Messias seria quebrado. Ao invés disso, ele seria traspassado (Salmo 34.20; Zacarias 12.10).

Para entendermos isso, precisamos voltar a Êxodo 12 e Números 9, onde descobrimos que, na ocasião da Páscoa, os israelitas deveriam sacrificar um cordeiro sem quebrar sequer um de seus ossos.

Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus que veio para ser sacrificado pelos pecados do mundo de uma vez por todas. Assim, nenhum de seus ossos será quebrado enquanto cumpre as profecias e retrata para nós o sacrifício final da Páscoa.

O evangelista Lucas ainda nos conta que o Cordeiro de Deus enfrenta não somente a dor da crucificação, mas ainda zombaria e rejeição.

Mateus adiciona que os sumo sacerdotes, escribas e anciãos estavam ali na cena zombando dele. Seu ódio contra Cristo faz com que abandonem a dignidade, subam o monte e zombem do Senhor condenado. Lucas revela que eles participam totalmente do drama e até incitam um grupo a zombar mais do Senhor:

O povo estava ali e a tudo observava. Também as autoridades zombavam e diziam: Salvou os outros; a si mesmo se salve, se é, de fato, o Cristo de Deus, o escolhido (Lucas 23.35).

A propósito, os líderes judeus não afirmam aqui disfarçadamente que Jesus salvou outras pessoas; eles negam. Eles querem que o povo entenda claramente que, se ele não puder salvar a si mesmo, então as pessoas que supostamente salvou não estavam realmente salvas.¹⁴

Nisso tudo, eles ignoraram o ponto principal, não foi? Nenhum israelita ficava em pé à mesa de jantar lançando insultos contra o cordeiro pascal. Nenhum judeu ficava indignado com a incapacidade de o cordeiro pascal se salvar a si mesmo da morte. Não. Eles se alegravam na morte do cordeiro que lhes permitia viver.

Contudo, segundo esse verso, os líderes e o povo zombam do Senhor, dizendo: “Salve a si mesmo para provar que também pode nos salvar.” Essa zombaria é absurda, ilógica. O cordeiro pascal não prova seu valor ao resistir à morte, mas ao morrer uma morte substitutiva.

Obviamente, o fato de Jesus poder ter saído da cruz, mas ter recusado fazer isso, cumpre seus propósitos em vir como o Cordeiro de Deus para salvar o mundo dos seus pecados (1 João 2.2). É precisamente pelo fato de Jesus não ter salvado a si mesmo que ele pode nos salvar!

Essa ironia redentora do evangelho está prestes a ser personificada de forma bastante singular.

Conversão no Calvário: O Ladrão

Em Lucas 23.33, o evangelista já nos informou de que Cristo foi crucificado entre dois ladrões. Mateus adiciona o detalhe que ambos conseguiam ver Jesus, ouvi-lo intercedendo por seus executores para que fossem perdoados e chamando Deus de “Pai” (uma intimidade jamais vista antes) e ler o título que Pilatos mandou escrever e colocar sobre a cruz de Jesus (Mateus 27).¹⁵ Essa inscrição foi escrita em três idiomas—hebraico, latim e grego. Ela dizia: *Este é Jesus, o rei dos judeus* (Mateus 27.37).

Os dois ladrões observaram tudo isso e, enquanto sofriam dor inimaginável e a caminho da morte certa, acabaram se juntando e pedindo que Jesus salvasse a si mesmo e a eles no processo. Contudo, quando o Senhor não lhes ofereceu resposta, nem solução, eles se juntaram à zombaria daquilo que enxergaram como falta de poder de Cristo.¹⁶

Como alguém consegue zombar de um homem à beira da morte quando se está morrendo também? Esse é o drama da redenção que se desenrola nas três cruzes.

Resta pouca dúvida de que até mesmo as cruzes foram organizadas de forma a humilhar Cristo ainda mais. Eles o crucificaram entre dois bandidos, de maneira que a multidão o identificaria como nada mais que um embusteiro religioso finalmente exposto pelo que realmente era.

No entanto, eles ignoraram o fato de que até mesmo isso foi cumprimento profético. O profeta Isaías profetizou que o Messias seria *contado com*

os *transgressores* (Isaías 53.12). Ou seja, ele morreria juntamente com criminosos.

O termo que Lucas emprega descreve esses dois indivíduos como *malfeitores*. Já Mateus utiliza uma palavra que descreve mais especificamente o tipo de malfeitores. Eles eram *lēstēs* ou “bandidos”, “roubadores”.¹⁷

A palavra engloba muito mais do que a atividade de roubar, incluindo também a prática da violência. Ela era empregada para falar de atos revolucionários—alguém que roubava do governo para lhe causar dano ou apoiar uma causa pessoal.

Curiosamente, o mesmo termo aparece para descrever Barrabás. Muito provavelmente, esses dois malfeitores eram companheiros de Barrabás, o qual deveria estar pendurado na cruz que Jesus agora ocupa. O intuito provavelmente foi colocar Barrabás na cruz central.¹⁸ Literalmente, Jesus assumiu o lugar dele!

E Jesus Cristo também assumiu o meu e o seu lugar. No caso de todos os que creem, Jesus sofreu a ira de Deus em seu favor. Pedro escreveu que Jesus carregou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro (1 Pedro 2.24).

Segundo o Evangelho de Marcos, um desses revoltosos não aliviou seus insultos e zombaria. Ele não manifestou preocupação com Deus, culpa, arrependimento ou preocupação com perdão. E ele não ouviu palavra alguma da boca de Jesus; nem sequer uma advertência, argumento ou promessa. Houve apenas silêncio enquanto ele insultou furiosamente o Cordeiro de Deus.¹⁹

Lucas registra uma conversa entre os dois malfeitores que foi motivada pelas palavras duras de um deles a Jesus. Um dos ladrões disse: *Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também* (Lucas 23.39).

Marcos 15 conta que ambos os homens disseram essas coisas. Porém, um deles parou, provavelmente incomodado, convencido de seu pecado, angustiado, culpado e maravilhado. Sendo assim, ele repreendeu o companheiro: *Nem ao menos temas a Deus, estando sob igual sentença?* (Lucas 23.40).

Em outras palavras, “Você não acha que deveria parar de insultar esse homem e começar a pensar no fato de que em breve se encontrará com Deus? Está ignorando o fato óbvio que você também irá morrer?”

Continue lendo o verso 41:

Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez.

Algo estava acontecendo no coração desse outro ladrão, algo milagroso e maravilhoso. Esse é o tipo de atitude que decorre do arrependimento e da fé. Dizer: “Nós merecemos esta punição” significa admitir: sou pecador, não tenho mérito, mereço morrer e nada tenho de bom a oferecer a Deus.

Não ignore a confissão desse ladrão arrependido: *mas este nenhum mal fez*. Ali no monte se encontra o mais elevado tribunal de Israel, o Sinédrio, ouvindo uma repreensão da boca de um condenado.

Fiquei pensando: foi da boca de pastores impuros que a notícia do nascimento de Cristo foi proclamada ao mundo. Agora, na ocasião de sua morte, é dos lábios de um pecador, condenado e impuro, que a inocência de Cristo é proclamada, juntamente com a declaração de que ele era, de fato, o tão esperado Rei de Israel.

Agora, duas das declarações mais profundas feitas entre o Salvador e um pecador aparecem nos versos seguintes. Lemos no verso 42, onde o ladrão

diz a Jesus: *Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino.*

Durante as horas que esteve pendurado na cruz, esse criminoso estudou a placa, ponderou o significado daquelas palavras e, pela fé, creu. “Senhor, ali em cima diz que você é o Rei dos judeus. Eu creio. Lembre-se de mim quando voltar no seu reino!”

Esse indivíduo só poder estar brincando! Ele está diante dos líderes religiosos da nação e afronta a zombaria deles contra o Senhor. Além disso, contradiz seu companheiro, com o qual arriscou sua vida vez após vezes. A evidência clara à sua frente dizia que era impossível que Jesus fosse o Messias! Ele era qualquer coisa, menos um rei, um herdeiro de um reino.

“Você está cego, não está vendo?”

“Não. Eu era cego, mas agora vejo.”

Que fé tremenda foi necessária para esse indivíduo à beira da morte confiar num rei que também estava morrendo!²⁰

Talvez, você diz hoje: “Ah, se eu apenas tivesse evidência suficiente de que Cristo realmente era o Filho de Deus e o Rei vindouro... Então, eu creia!”

Não, você não creia. Seu problema não é falta de evidência, mas falta de interesse. Você não tem disposição para admitir humildemente que é um pecador que prestará contas a Deus, mas que ainda não está pronto para esse encontro.

Contra toda evidência visível, esse ladrão pendurado na cruz creu pela fé que o homem morrendo ao seu lado era, realmente, o Rei que reinaria futuramente. Que conversão maravilhosa! Essa é a pessoa mais improvável de crer no local mais improvável possível, mas ele receberá a promessa mais improvável.

Jesus volta seu rosto ensanguentado para esse pecador arrependido e afirma em Lucas 23.43: *Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.*

Permita-me fazer quatro observações sobre essa declaração de Jesus ao ladrão convertido.

1. Primeiro, essa foi uma promessa feita com autoridade.

Jesus disse: *Em verdade te digo*, ou seja, “Estou falando a verdade.”

Não podemos ignorar a ironia disso em meio ao cenário da crucificação. Jesus acontece de estar no processo de ser crucificado por ser um mentiroso, um impostor. O Supremo Tribunal de Israel o condenou por mentir e afirmar ser Deus.

Nessa ocasião, seria normal esperar que Jesus dissesse: “É... chegou a hora de eu ser honesto. Desculpe-me por ter levado minha alegação de ser o Filho de Deus longe demais. É o seguinte, meu amigo: não posso fazer nada por você. Não preciso mais continuar com essa falcaturia.”

Não. Jesus Cristo diz, com efeito: “Você estará no céu comigo e isso é verdade.”

2. Segundo, essa foi uma promessa cheia de autoridade com uma transição imediata.

Jesus Cristo disse: *Em verdade te digo que hoje*. Hoje!

Cristo promete consciência de vida imediata hoje!²¹ Não existe limbo, sono da alma ou purgatório. Jesus afirmou: “Estou dizendo a verdade: você morrerá hoje e hoje mesmo haverá uma transição imediata do seu espírito da terra para a presença da glória de Deus.”

Esse ladrão esperava receber algum tipo de ajuda no futuro, mas Jesus Cristo lhe deu perdão e um passaporte para o céu naquele mesmo dia!²²

Imagine esse ladrão, passando por profunda agonia a cada fôlego; seus olhos queimam, seu corpo está todo dolorido. Daí, ele ouve de Cristo um pronunciamento repleto de autoridade sobre uma transição imediata.

3. Terceiro, essa foi uma promessa cheia de autoridade, envolvendo uma transição imediata, por meio de uma conexão pessoal.

Jesus diz ao ladrão: *Em verdade te digo que hoje estarás comigo.*

A multidão deve ter dado gargalhadas quando Jesus proferiu, com bastante dificuldade, essa promessa. “É... você estará com ele sim... servindo de comida para vermes!”

Que direito esse pecador condenado tinha de esperar viver com o Rei em seu reino? Meu amigo, esse é o evangelho!

O evangelho de Cristo é oferecido a pecadores que não o merecem. Ele é oferecido àqueles que, assim como esse ladrão, reconhecem: “Nossa sentença é justa!”

O evangelho de Cristo não é garantido pelas obras. Não havia nada que esse ladrão pudesse fazer para merecer e conquistar entrada no Paraíso, ou mesmo para mostrar a Jesus Cristo como ele estava grato por ter sido perdoado.

Esse ladrão recém-convertido não tinha como frequentar uma igreja, ser batizado ou dar ofertas para a igreja ou instituições de caridade. Ele não teve tempo para consertar sua vida, reforma-la ou mesmo provar que tinha se arrependido de seu antigo estilo de vida. Ele não teve como limpar seu registro de antecedentes criminais, fazer restituição ao Império Romano ou se desculpar àqueles que havia defraudado por meio do roubo. Ele não pôde fazer coisa alguma para Deus, o país, a família, a religião ou para a humanidade.

Literalmente, esse ladrão não podia fazer nada além de simplesmente morrer, e ele estava a poucas horas disso.

Todavia, por causa de sua confissão de leito de morte, ele morreria com uma promessa cheia de autoridade, envolvendo uma transição imediata por meio de uma conexão pessoal.

4. E quarto, essa promessa cheia de autoridade, envolvendo uma transição imediata por meio de uma conexão pessoal levava para um destino glorioso.

Finalmente, Jesus diz: *Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.*

O termo *paraíso* significa “jardim” e geralmente se refere a um belo jardim murado e protegido. Essa foi a palavra que Jesus escolheu para fazer sua promessa a esse homem, um dos últimos santos do Antigo Testamento, acerca da glória do céu que em breve conheceria.

Naqueles dias, quando um rei queria honrar de forma especial um de seus súditos, ele fazia dele o que era chamado de um “companheiro do jardim”. Isso significava que esse súdito honrado teria o privilégio de caminhar com o próprio rei pelos jardins reais.²³

Jesus estava basicamente respondendo a esse ladrão com mais do que uma mera palavra; ele estava graciosamente dizendo a esse pecador falido: “Sim, você estará comigo, o Rei, no meu reino vindouro.”

O piedoso bispo britânico evangélico do século 19, J.C. Ryle, escreveu sobre essa passagem:

Foi [Cristo] condenado, apesar de inocente? Foi para que nós fôssemos inocentados, apesar de culpados. Usou ele uma coroa de espinhos? Foi para que nós usássemos uma coroa de glória.

Foi ele despido de seus mantos? Foi para que fôssemos vestidos de justiça eterna. Foi ele zombado e ridicularizado? Foi para que nós fôssemos honrados e abençoados. Foi ele tido como pecador e contado com transgressores? Foi para que fôssemos tidos como inocentes e justificados de todo pecado. Experimentou ele, por fim, a morte mais dolorosa e vergonhosa de todas? Foi para que vivêssemos eternamente, exaltados à mais sublime glória.²⁴

É impossível ver o evangelho manifestado de forma mais clara nas Escrituras do que quando

Jesus Cristo estava pendurado na cruz, distribuindo graça e misericórdia a um pecador condenado e à beira da morte, um homem que, pela fé, fez uma confissão genuína e verdadeira.

As últimas palavras do astrônomo e crente devoto Copérnico foram estas:

Não peço a ti, ó Senhor, a graça que deste ao apóstolo Paulo; nem ousa eu pedir pela graça que concedeste ao apóstolo Pedro. Mas a misericórdia e a graça que mostraste ao ladrão na cruz, mostre-as a mim.²⁵

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 28/03/2010

© Copyright 2010 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ Ray Robinson, *Famous Last Words* (Workman Publishing, 2003), 7.

² *Ibid.*, 58.

³ *Ibid.*, 102.

⁴ *Ibid.*, 147.

⁵ *Ibid.*, 101.

⁶ <http://listverse.com/2009/09/29/top-10-fascinating-deathbed-confessions/>

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*

⁹ David Gibson, “Ted Kennedy to Pope Benedict”, *Politics Daily* (29 de Agosto de 2009).

¹⁰ Warren W. Wiersbe, *Luke: Be Courageous* (Victor Books, 1989), 135.

¹¹ William D. Edwards, Wesley J. Gabel e Floyd E. Hosmer, “On the Physical Death of Jesus Christ”, *The Journal of the American Association* (1986), 1458.

¹² William Barclay, *The Gospel of Luke* (Westminster, 1975), 285.

¹³ R. Kent Hughes, *Luke: Volume 2* (Crossway, 1998), 381.

¹⁴ R.C.H. Lenski, *The Interpretation of St. Matthew's Gospel* (Augsburg Publishing House, 1943), 1113.

¹⁵ Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary: Volume 1* (Victor Books, 2001), 275.

¹⁶ *Ibid.*, 1114.

¹⁷ Fritz Rienecker e Cleon Rogers, *Linguistic Key to the Greek New Testament* (Regency, 1976), 84.

¹⁸ James Montgomery Boice, *The Gospel of Matthew: Volume 2* (Baker, 2001), 616.

¹⁹ Hughes, 384.

²⁰ Wiersbe, *Bible Exposition*, 275.

²¹ Trent C. Butler, *Luke*, Holman New Testament Commentary (Holman, 2000), 396.

²² Wiersbe, *Bible Exposition*, 276.

²³ Barclay, 287.

²⁴ Boice, 618.

²⁵ Hughes, 385.